

O MURO

Um menino caminha e caminhando chega no muro.
"Aquarela", Toquinho.

Era uma vez um muro e uma menina.



Ela é o agente das relações "humano-murescas" e ele o objeto destas relações. Mas a função desse objeto não é função passiva. Ele é o enredo, o tempo e também o espaço, que traça, na menina, uma marca: o papel do impedidor.

Ah, esta é a palavra a partir da qual iniciamos este conto. Mas... Quem é o impedidor?

Já sabemos de antemão que se trata de um muro, mas o que há de representativo no significado do termo? Há possibilidades, por isso começamos pela menina e deixemos que ela nos diga sobre ele.

Era uma vez uma menina. Todos a chamavam X. Até sua mãe. Do grupo, a esquisita e empática. No colégio, a distante e inocente. Em casa, a descuidada e soturna. Não como as outras, uma menina feita de coisas simples. Sonhos, talvez. Medo, talvez. Trazia consigo flores, laços, pulseirinhas, um anel e pequeninos, gordinhos e desajeitados dedos. Porque feita de sonhos e medos, não tinha nada de especial, mas luzia sua meninice por meio dos seus olhos castanhos e grandes.

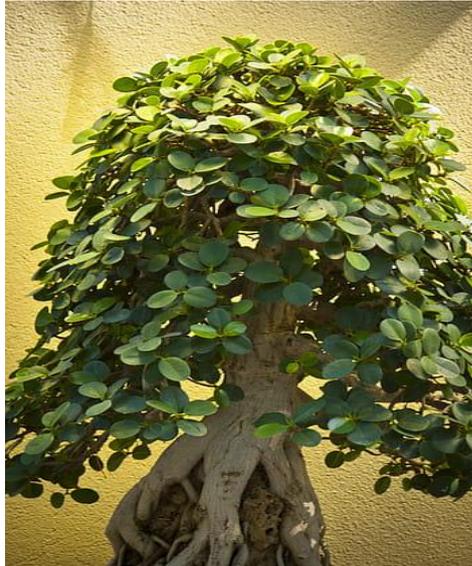
Nos seus dias, cumpria uma rotina de brincadeiras. Sempre interrompida por um muro. O muro, um divisor de águas, tão grande que se tornava impossível saber o que havia nele ou por trás da sua presença. A menina tentava escalá-lo, mas caía. Jogava pedrinhas para o outro lado... Tudo era em vão. A menina voltava à rotina...e o muro sempre a impedia. Ele permanecia inatingível e, entre ele e ela, o desconhecido!

Um dia, a menina se deparou com uma novidade. Percebeu que havia uma longa e caprichada rachadura no grande muro. Como, após tanto tempo, aparecera tal rachadura? De tão extensa, os bracinhos da menina, ainda que levantados, não alcançavam seu destino. Resolveu que iria tapar a rachadura. Contudo, como faria esse movimento se ela não era alta o suficiente?



Pensou na possibilidade de arrumar uma escada. Mas quem a ajudaria a carregar uma escada até ali?

Desistiu da escada e resolveu subir em uma árvore que ficava próxima. Assim, avistaria a rachadura e com uma vassoura ou pá, um pouquinho de massa e jeito, cuidaria de fechá-la.



Ao subir naquela árvore, paramentada com seus instrumentos de trabalho, pode observar que, ao final da fenda, havia um buraco. Uma surpresa!

Poderia, então, antes de prestar seu serviço ao muro, olhar através do buraquinho. Quem sabe não descobriria algum mistério ou algum segredo naquele bloco de cimento e tijolos?

Então, lentamente, foi se aproximando. E, assim, achegando-se... encostou no muro para olhar pelo buraco. Já perto, pertinho, a menina

V. I. U.



Esquecida da rachadura, pulou da árvore ofegante e foi até os seus conhecidos: o grupo, o colégio e a casa. Do seu jeito, disse para eles o que vira pelo buraco do muro, mas ninguém a compreendeu.

Todos fizeram fila diante do muro para olhar o furo e o que havia por trás dele. Cada um que o olhava, saía mais perturbado e infeliz. Agora, era a menina quem não os entendia.



Na manhã seguinte, como de costume, caminhou em direção ao muro, mas teve a sua rotina rompida. Ao chegar lá, aquelas pessoas conhecidas estavam munidas de armas e machados. Satisfeita, acreditou que eles a ajudariam a fechar a fenda do muro para protegê-lo. Qual o quê! Eles estavam ali por outro motivo.

Indignados com o que o muro lhes proporcionava e mostrava, decidiram destruí-lo.

A menina pediu, implorou, argumentou, gritou para que nada fizessem ao muro, mas eles não a ouviram.

E o muro veio abaixo.



Naquele exato momento, a menina parou de

V. E. R.



E chorou.

De seus cabelos caíram as flores, os laços de fitas e suas
mãos já não eram mais tão pequenas e infantis.

Agora,
esquecida do muro...
... a menina conheceu o

M. U. N. D. O.

